

NEOLIBERALISMO: DESAFIO À PRÁTICA CRISTÃ

Uma idéia analítica clara da atual realidade social vê-se dificultada pelo entrelaçamento de dois fatores preponderantes. Assistimos a uma nova revolução industrial, anunciada como Terceira Onda (A. Toffler), mas que agora se tornaram vagalhões a se estenderem pelas costas de todos os continentes. Consiste principalmente no desenvolvimento da microeletrônica, da telemática, da robótica e de outras tecnologias de ponta.

Essa revolução tem produzido efeitos ambíguos. De um lado, as engenhocas eletrônicas aliviam o trabalho humano de enormes pesos, facilitando-nos a vida em muitas tarefas. Mas, de outro, desaloja muita mão de obra, especialmente do setor industrial tradicional, substituindo-a pelas sempre novas invenções. Em termos concretos, significa desemprego.

E como a criação de alternativas não tem acompanhado o aceleração da redução de postos de trabalho, o desemprego tende a crescer especialmente em países emergentes. Além do mais, nesses países a segurança social é muito pior, de modo que a situação dos desempregados toca às raias do desespero. Nesse sentido, o mecanismo desempregador é terrivelmente perverso, contrariando o direito fundamental do ser humano de poder sustentar-se a si e a sua família com digno trabalho e aí encontrar sua própria realização humana. João Paulo II não só nos lembra esse duplo sentido objetivo e subjetivo do trabalho, a saber da transformação da realidade e da realização humana, como também afirma a precedência do aspecto humano subjetivo (Laborem exercens, nn. 5-6). O desem-

pregado não é somente alguém que se torna incapaz de produzir para seu sustento e da família, como também um frustrado em dimensão humana fundamental.

O segundo fenômeno que presenciamos é a crescente onda neoliberal. Com a queda do socialismo real e com a inviabilidade do neocapitalismo com traços sociais, o capitalismo neoliberal, alimentado pela globalização da economia, reina na solidão de um domínio absoluto, sem concorrente, sem projetos alternativos à vista.

Ora bem, os fenômenos humanos não navegam paralelos como naves em direção ao mesmo porto. Antes se misturam quais ondas agitadas de tal maneira que muitas vezes não conseguimos perceber de onde vem a correnteza maior. Um comentarista econômico, dotado de muito humor, dizia que até pouco o cachorro da economia agitava o rabo do progresso tecnológico. Mas que agora o rabo do desenvolvimento da informática e das telecomunicações por meio das infovias sacodem o cachorro da economia. Em termos lógicos, parece uma aberração. O efeito produz a causa, em vez de esta gerar aquele. Na verdade, a revolução eletrônica e o neoliberalismo misturam-se num único fator terrível de conseqüências desastrosas para milhões e milhões de pessoas em todo o mundo.

Essa confusão e complexidade dificulta grandemente um juízo mais crítico e sereno a respeito do que está a acontecer. De fato, vivemos uma série de graves problemas, conhecidos de todos. Tony Blair, Primeiro Ministro do Reino Unido, discursava diante de seus pares, elencando os principais desafios atuais: mercados globais, pobreza crescente, exclusão social, aumento da criminalidade, colapso da família, mudanças no papel da mulher, mudanças no mundo do trabalho, hostilidade popular à política, exigências de reformas democráticas mais profundas, série de questões ambientais e de segurança, busca de liderança, desejo de prosperar e adaptar-se a esse novo mundo, estabilidade e segurança num mundo de mudança. O leque é amplo e diversificado, desde questões econômicas até psicológicas, sociais e individuais.

O risco é de, em situações tais, encontrar-se um bode expiatório em cima do qual se deitam todos os pecados e assim pode-se sair tranqüilo e ileso. Mas a realidade continua intocada. Em certo sentido, a palavra neoliberalismo para muitos está assumindo esse papel indiscriminado de ser responsável por todos os males presentes, uns vindos de longa data, outros recentemente produzidos. Não se desce à análise dos reais mecanismos. Estes, sim, na sua perversidade, semeiam malefícios. E contra eles, devemos assestar as baterias das críticas, oferecendo propostas alternativas.

Uma leitura discernida implica ir distinguindo as fontes e isolando quanto possível os ingredientes do composto social tão heterogêneo. A perspectiva de uma revista teológica é ir mais fundo no quadro descritivo e encontrar as raízes que alimentam os troncos robustos do sistema dominante. E, num segundo momento, sopesar os valores em jogo à luz do projeto salvífico de Deus.

Há um consenso generalizado de que o atual sistema econômico neoliberal se apóia sobre uma única pilastra, de solidez tal que nem Sansão conseguiria derrubar. É o mercado. Com isso, as antigas colunas que sustentavam o neocapitalismo poderão ser reduzidas ao mínimo possível. Trata-se do Estado, sobretudo do Estado do Bem-estar social e de elementos tirados do ideário socialista.

Ao implantar-se tal sistema, os governos empenham-se numa quádrupla tarefa. Em primeiro lugar, favorecem, ao máximo, tudo o que permite o mercado expandir-se. Em seguida, reduzem a intervenção do Estado ao mínimo para que o mercado possa reinar sem peias. E como o Estado de Bem-estar social sobrecarregava as forças produtivas com embaraços, que lhe dificultavam a concorrência no mercado absolutamente livre e sem fronteiras, ele também deve ser enxugado ao extremo. E, por fim, há um expurgo ideológico de toda herança socialista, considerada entulho.

Entra-se assim na Nova Era do Mercado, deixando para trás as eras jurássicas do socialismo, das intervenções do Estado, do planejamento centralizado e estatal. Lubrificando o sistema com mercado e retirando a areia socialista, espera-se que ele funcione a mil e produza um período de crescimento sustentado. Confia-se plenamente que o mercado resolverá todos os problemas. E se eles ainda existem, é por falta de mais mercado.

Em termos teológicos, idolatra-se o mercado. Transforma-se no novo deus onipotente, criador e salvador de todos. Em vez de ser meio para a vida humana, arvora-se em fim. Esquece-se da evidência, como nos recorda o Papa João Paulo II, ao falar dos mecanismos do mercado, de que "há necessidades coletivas e qualitativas que não podem ser satisfeitas através de seus mecanismos; existem exigências humanas importantes, que escapam à sua lógica; há bens que, devido à sua natureza, não se podem nem se devem vender e comprar" (Centesimus annus, n. 40). González Faus resume, em três afirmações rotundas, o papel negativo dum mercado entregue a si mesmo: detecta mal as necessidades básicas, distribui os bens de maneira pior e desperdiça as riquezas (Reflexión cultural sobre la crisis económica, Noticias Obreras (1994) n. 1.112: 19-26).

Sob o termo mercado, esconde-se sobretudo uma feroz lei darwiniana do mais forte. Com efeito, ao retirarem-se os obstáculos e divisórias nacionais e internacionais, os corredores mais fortes, sadios, bem nutridos ganharão todas as maratonas. Os atletas, que nem merecem tal nome, fracos, desnutridos, sem vitaminas, não têm nenhuma chance de entrar nessa gigantesca olimpíada econômica.

No fundo do jogo do sistema em curso reina a lei do mais forte, do mais ágil, do mais preparado. Esse tem a vitória garantida. Nem mesmo se pode chamar de jogo a não ser de cartas marcadas. Ora, os povos ricos, cujas economias já estão totalmente saneadas, resolveram, em grande parte, suas

necessidades básicas. Só conseguirão, por isso, incentivar e animar uma economia, se eles subirem de nível de consumo, ao produzirem bens cada vez mais conspícuos e sofisticados. Para isso, a indústria tem de ir modificando sua linha de produção. Deixa para trás os bens ordinários para concentrar-se em produtos mais elaborados. Numa concorrência acirrada, esses produtos precisam cada vez ser e sobretudo aparecer mais bonitos, elegantes, requintados. Isso não se faz a não a ser à base de alta tecnologia. Esta custa caro. Implica investimentos pesados especialmente no campo do conhecimento. Por isso, os países, que detêm maior nível educacional, velem nas correntezas do avanço, deixando para trás aqueles que remam ainda nas águas paradas do analfabetismo ou da baixa escolaridade.

Ora bem, para poder dispor de capitais para tais investimentos, os lucros devem ser os maiores possíveis, exigindo a diminuição de impostos, o corte de garantias sociais, a redução da mão de obra com incentivo na sua substituição por inovações tecnológicas. Gerando, portanto, mais uma vez, mais desemprego. É um verdadeiro círculo infernal, impossível de ser quebrado por um país ou um empresário sozinho. Quem aventurasse pelas estradas da solidariedade conservando empregados em vez de substituí-los por máquinas não conseguiria na violenta concorrência manter um preço competitivo e iria à falência. E daí mais desemprego ainda.

A engrenagem parece tão bem montada que a saída só será possível através de um consenso dos países mais ricos e poderosos do mundo, começando por modificar a linha e orientação do processo de produção.

A situação parece ainda mais complexa. Pois não está em questão somente o mundo da produção. O tipo de desenvolvimento tecnológico e a forma neoliberal do capitalismo permitiu que o capital financeiro adquirisse uma agilidade nunca dantes imaginada com lucros rápidos e astronômicos. Fala-se do capital especulativo 24 horas. Ganha-se de dia e de noite à medida que as bolsas em terrível agitação vão abrindo e fechando nas diversas partes do mundo, seguindo, de modo contrastante, o rolar tranqüilo dos astros. Trilhões de dólares febris do capital volátil e especulativo circulam numa farândola doída pelo mundo, recolhendo em lucros assombrosos o duro fruto da lide diária de bilhões de honestos trabalhadores. É algo monstruoso que até agora nenhuma força tem querido e conseguido controlar. É uma riqueza virtual e real. Virtual porque é papel, não produz, não se converte em bens reais para a humanidade. Real porque as conseqüências desastrosas, que seu jogo causa, afetam pessoas reais e vivas. Gera crescente pobreza quer no interior dos países ricos quer sobretudo nos periféricos.

Este é o fenômeno. E o olhar? Ubi amor, ibi oculus (Ricardo de S. Vitor). O nosso olhar dependerá de nosso amor. Se amamos o dinheiro, o sucesso, o

futuro colorido para os privilegiados, a competência, a eficácia, a competitividade, o lucro desmedido, então nosso olhar se alegra com tal sistema, analisa-o com o otimismo dos donos do poder, com os sorrisos maquiados de políticos vencedores.

Se nosso amor se dirige aos deserdados e excluídos do sistema, aos menores do mundo, então nos horrorizamos com tal situação. Ecoam em nosso interior as longínquas prescrições do Código da Aliança do Antigo Testamento. Algumas delas encontram uma concretização tristemente literal, quando o Senhor Deus prescreve: "Se tomares como penhor o manto do próximo, deverás devolvê-lo antes do pôr-do-sol. Pois é a única veste para o corpo, e coberta que ele tem para dormir. Se ele recorrer a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso (Êx 22, 25-26)". Parece que o Senhor fala de nossos mendigos, crianças de rua que dormem ao relento, envoltos num cobertor. Tal passagem inspirou ao teólogo Gustavo Gutiérrez para colocar como pergunta central e crítica diante de toda essa parafernália tecnológica superdesenvolvida, diante desses bilhões de dólares voando freneticamente pelo mundo a fora: "Onde dormirão os pobres?" (São Paulo, Paulus, 1998).

A modernidade está ultimamente percorrendo uma trajetória desconcertante. O discurso duro da racionalidade, do progresso, do desenvolvimento tecnológico ao lado da reivindicação tenaz da defesa dos direitos humanos está cedendo lugar a um discurso débil do descrédito, do tédio, do desânimo diante das possibilidades de transformação da realidade. Com isso, a dureza prometeica do sistema com seus minguados privilegiados continua agora com o caminho desimpedido por causa do enfraquecimento do discurso forte dos direitos humanos. Nesse campo, reina a inutilidade de Sísifo ou a autocontemplação de Narciso, mas não mais a coragem libertadora do amor aos pobres da tradição jesuana.

Faz-se mister uma volta radical à força do Evangelho que anuncia o único privilégio aceitável e desejável, o dos pobres, fracos e excluídos, com a conseqüente responsabilidade de todos os outros. Só uma virada de 180° graus na concepção de desenvolvimento, de sociedade, em que a solidariedade com os mais fracos e a primazia absoluta dos direitos fundamentais de todo ser humano se impuserem, poderá deter essa maré montante de tanta injustiça e exclusão.

González Faus, analisando a realidade com o binômio fraco/forte segundo o gosto da pós-modernidade, reconhece que existe um pensamento social fraco e um consumismo forte. Como resposta, embora reconhecendo o pensamento fraco da loucura da cruz, da sabedoria de um Deus cada vez menos aceito pelos poderosos, propõe a caridade forte da opção pelos pobres (Direitos humanos, deveres meus. Pensamento fraco, caridade forte, São Paulo, Paulus, 1998).

A Igreja católica, os cristãos em geral, embora constituam um bloco considerável, não estão nem organizados, nem conungam em projetos libertadores.

Por isso, os provinciais jesuítas da América Latina na Carta sobre o Neoliberalismo exortam a que busquemos junto com muitos outros, tanto em nível nacional como latino-americano, comunidades “verdadeiramente solidárias, nas quais a ciência, a tecnologia e o mercado sejam a serviço de todas as pessoas dos nossos povos; uma sociedade na qual o compromisso com os pobres manifeste que o trabalho a favor do pleno desenvolvimento de todos, sem exclusão, constitui a nossa modesta, mas séria contribuição, para a maior glória de Deus na história e na criação” (SãoPaulo, Loyola, 1996).